

O último discurso de Tatsumi Hijikata

09/02/1985

“No momento estou resfriado. Meu nariz está escorrendo e preciso assoá-lo o tempo todo. As pessoas em volta de mim também estão resfriadas e assoam o nariz sem parar. Assim cria-se pouco a pouco uma comunidade particular. Uma doença aproxima os seres humanos de alguma forma. Talvez uma gripe duradoura possibilitasse aos seres humanos morarem juntos como vizinhos em paz e com amizade... Pensamentos desse tipo vêm à minha cabeça.

Hoje eu gostaria de contar para vocês algo desta gripe, do meu assoar o nariz e da minha terra natal Akita, onde o vento brame. Sim, um vento louco uiva e brame lá sem cessar. Em Akita e em toda a província Tohoku conhece-se o Kazedaruma. Junto com o vento desencadeado, que corre ao longo dos atalhos, zunindo e arrebrandando, que chega rolando em vagas, muitas vezes misturado com neve, (...) em turbilhões de tornando-se tempestade, os seres humanos são transformados em ‘espíritos do vento’ que rolam até as portas. Estes são os Kazedaruma.

As pessoas de Tóquio sempre estão com pressa e ocupados em cuidar da saúde. Esta mania de saúde é um tanto maluca. Prefiro medir os humanos com o parâmetro da miséria e do esgotamento. Conduzido por este pensamento, encontrei no livro do monge Kyokai, Terra Japonesa, uma passagem que relata um sonho:

Morri e meu corpo foi cremado. Minha alma ficou ao lado e observou como meu corpo queimava. Ele percebeu que meu corpo tinha dificuldade em queimar. Por isso ele quebrou um galho de uma árvore, atçou com ele o fogo e virou minha carne para queimar melhor. Assim, minhas mãos e pernas, minha carne e meus ossos, finalmente, foram consumidos pelo fogo. Depois que isso aconteceu, minha alma desatou a lamentar-se. Mas os vizinhos não ouviam nada e não respondiam. Aí, a minha alma chorava mais alto ainda, mas em vão, e reconheci, afinal, que almas mortas não têm

voz e por isso seus gritos ficam inaudíveis. Pensando nisso, acordei. “Espera aí, tem algo errado nisso”, pensava o Kazedaruma, “esta história não aconteceu de modo algum no sonho”. Kyokai explicou-se assim quando acordou e depois anotou...

Meu Kazedaruma ou Yukidaruma (boneco de neve e de vento) corre no vento e, ao mesmo tempo, pensa sobre o sonho do monge. O Yukidaruma deixa o vento sepultar seu corpo e sua alma. Confundem-se nos seus pensamentos a cremação e a sepultura-de-vento e sua alma começa a chorar. Mas não se pode dizer se o Yukidaruma chora ou se o vento está uivando. O Yukidaruma cresce, cresce e finalmente chega à porta de nossa casa. Quais são seus pensamentos? Ele está impregnado pela história do monge – é o seu segredo.

O Yukidaruma entra na sala. Senta-se calado junto da fogueira. Um membro da família coloca, igualmente sem dizer nada, carvão vegetal na lareira, pedacinho por pedacinho.

Desde menino, sempre observada o Yukidaruma e pensava: ‘Que ser esquisito é este Yukidaruma. Ele é muito estranho e um pouco sinistro. Mesmo assim, sinto que me é bem familiar quando estou perto dele. Que está acontecendo com ele?’ De repente o Yukidaruma abre a boca e diz: ‘Oh – oh – oh – você chorou? Huu – huu – hui – assim uiva o vento’. Eu aprendo como o vento é terrível. Seu rosto é um desses que já avistou o mundo além da morte. E seu corpo não é de carne viva, e também não é como um corpo que se disfarçou em algum papel para representar um poema ou uma história. Ele é a representação de um deus que invadiu um corpo vivo.

Em Tohoku, é comum bater os tamancos na entrada das casas para livrar-se da neve, até mesmo no verão. Lá, o inverno determina, fortemente, os hábitos dos seres humanos. Às vezes o Kazedaruma entra na casa para se aquecer. Meus irmãos mais velhos foram todos para a guerra. Eu fiquei. Ouvia o clipe-clape dos tamancos e sentia a presença do Kazedaruma. Cheio de medo corria de lá para cá pela casa toda. Se esta experiência tem alguma coisa a ver com minha dança? Creio que sim. No fim de suas longas caminhadas, impelidos pelo vento

tempestuoso e que queimava seus corpos, os Yukidarumas e Kazedarumas vinham, finalmente, para nossa casa. Tenho certeza de que vivi uma experiência preciosa.

Na primavera, o vento mostra seu lado muito particular. Ele transformava a terra em lama e lodo. Hoje ainda vejo, nitidamente, a seguinte imagem: quando criancinha escorreguei e caí com o corpo todo na lama. Fiquei na imundice e senti-me tão miserável e mesquinho que emudeci. O tronco de uma árvore queria soltar um grito de

compaixão quando fiquei lá como uma presa desamparada. Percebi a dor sair do meu corpo e tomar uma forma esquisita na lama. Fiquei preso e vi um bebê olhando pra mim com estreitos olhos oblíquos. É isto o meu corpo que voltou para o seu ponto de partida? De repente, a cabeça do bebê rolava para mim. Sei, claro, que é absurdo, mesmo assim eu brinquei com a cabecinha rolando na lama. Por quê, não sei explicar. Mas realmente aconteceu. Por isto, posso falar disso para vocês.

Quando a gente fica na imundice, vive experiências peculiares. De repente, a cabeça e os pés transformam-se e nas plantas dos pés abre-se uma boca que suga a lama. Nós japoneses temos uma relação especial com nossas plantas dos pés. Será que não andamos como se tivéssemos inveja da terra por ficar com as nossas pegadas? Preciso constatar com toda ênfase aqui, que meu butoh começou na lama da primavera e não em alguma relação com a arte tradicional dos templos ou dos escrínios. Posso afirmar para vocês que minha dança nasceu da lama.

(...) Essas lembranças remontam ao ano 1933. Justamente quando nasci, o céu sobre a Ásia começou a escurecer. Vejo-me, no canto da sala de entrada da nossa casa, acorocado no chão batido, comendo carvão. Com certeza, vocês não sabiam que naquela época as crianças tiveram que comer carvão vegetal. Fomos informados de que isso ajudaria contra a irritabilidade. A mulher que me forçava a fazer isso ficava no canto oposto da sala, mascarando um pepino que ela trouxera do campo. Eu vestia um quimono preso por um cinto sujo de fuligem, mas nunca tive uma cueca antes de freqüentar a escola primária. O coração batia permanentemente no meu peito como um cachorro ansioso, de tédio e impaciência. Andei, na penumbra de

uma loja de massas, de cima para baixo, obcecado pelo desejo de empreender algo extraordinário. Senão eu ia arruinar-me nesse lodaçal. Tais lembranças me afligem. Na minha infância, que se estende em minha memória como uma monótona planície sem esperança, permanentemente caía neve do céu. Durante a época do plantio e da colheita todos os adultos ficavam fora de casa. Apenas as crianças de três e quatro anos permaneciam em casa sozinhas. Andava pela vizinhança para observar as crianças. Crianças pequenas fazem esquisitos e sinistros movimentos e gestos. Uma, por exemplo, tentava alimentar sua mão, com bocados de alimento. Eu a observava calmamente. De repente chegou a mãe sibilando para mim: ‘Você gosta da pequena, não é? Nunca mais venha para cá!’ Sim, todos me achavam um pouco louco.

Eu andei por todos os lugares e observei tudo. Crianças pequenas, inconscientemente, consideram as mãos e outras partes de seus corpos como objetos. Sem dúvida nenhuma pensam que uma ou outra parte do corpo é uma terceira pessoa. Uma vez vi uma criança que tentou destorcer a própria orelha. Pode ser uma história boba, mas aqui fica uma das origens do movimento corporal de meu butoh posterior. A observação de crianças e de como elas se comunicam com seus gestos influenciou fortemente meu butoh.

(...) Mais tarde, encontrei em um livro uma reportagem sobre uma criança que tentou alimentar os dedos de seus pés, outra que gostaria de mostrar a paisagem para sua coxa, mais outra que queria mostrar a paisagem para uma pedra de um jardim. Uma vez, levei em segredo uma colher de sopa para o campo e a deixei lá, porque senti pena dela na cozinha escura – queria mostrar-lhe o campo. Sentir os

membros e as partes do corpo como objetos ou ferramentas autônomas e por outro lado amar os objetos como meu próprio corpo – nesse fato há um grande segredo para a origem do butoh.

‘Sou uma lata vazia!’ Gritei alto. À minha memória vem um menino da vizinhança e fala sorrindo: ‘Sim, também sou uma lata vazia’. Depois veio um terceiro menino e disse: ‘Sim, somos uma urna’. Assim criou-se um sentimento comum entre nós.

Meu corpo alargou-se sem limites, louco. Como o céu que é como um prato grande que quando se despedaça produz muito tumulto. Na primavera a água do degelo trovejava pelos estreitos leitos dos rios e formavam-se turbilhões. Muitas vezes, pulei nos turbilhões segurando-me nas raízes do salgueiro. Os adultos

vinham: ‘Ele vive ainda? Ele está morto?’ Gritavam excitados e tiravam-me da água. Desta maneira renasci (novamente). Repeti a ação várias vezes. Não me contentei em nascer uma vez só do corpo materno. E repeti esse experimento de renascimento todas as vezes que pude.

Em nossa cozinha havia naquela época um grande vaso de barro, cheio de água. Eu cortava a água com a foice e mandava parar a fim de preservar o corte. Eu queria sufocar o tempo. Aqui também vejo uma afinidade com meu butoh. Não é uma dança que se pode aprender por meio de exercícios. Ela é o que meu corpo adquiriu inconscientemente e imediatamente no decorrer dos anos. Por isso não há exercícios fixos e nenhum empirismo no butoh. Minha dança faz sinais para aquilo que vem do fundo do meu corpo.

Em minha memória chove sem pausa. A chuva se cansou de cair mas não sabia como parar. Vejo-me no terraço que cercava nossa pequena casa de madeira, fitando a chuva que caía na plantação de repolho brando. A época da chuva não tem nem começo nem fim, o espaço em volta confunde-se aos poucos com um véu amorfo. Aí vi um adulto que corria para ultrapassar seu próprio corpo e outro que ficou sem fôlego porque seu próprio corpo o tinha ultrapassado...

Pensei, algumas vezes, 'vou apodrecer aqui como o repolho branco do campo'. Fiquei com medo e fui me esconder no armário de roupa de cama. Um estranho dificilmente consegue entender minha situação, mas eu precisava lutar seriamente. Em meus pensamentos eu era um espermatozoide que errava desamparado e sem objetivo no corredor de uma instituição pedagógica. Minha infância, como espermatozoide desamparado, me faz chorar. Todavia, não mostro minhas lágrimas para outras pessoas.

Permitam-me contar-lhes algo de minha mãe. Na verdade, não é uma história sobre ela... Bem, isso não importa. A neve cai sem fim. Minha mãe pariu crianças sem fim. Finalmente éramos onze crianças, eu a mais jovem delas. Já no dia seguinte ao meu nascimento, minha mãe estava de novo na cozinha e lavava os pratos. Parir filhos era uma coisa cotidiana para ela. Meus irmãos mais velhos foram um atrás do outro para a guerra. Antes de se despedirem, meu pai ofereceu-lhes saquê para animá-los. Como não estivessem acostumados ao álcool, seus rostos tornaram-se vermelhos. Quando voltaram, foi em uma urna cheia de cinzas. Sim, meus irmãos partiram 'vermelhos' e retornaram em forma de cinza. Como criancinha pensei, naturalmente de maneira vaga, que a forma aparece porque

some. Que seu desaparecer mostra a sua forma ainda mais nitidamente.

Quando criança eu odiava ir à escola. Meus pais nunca se importaram com isso. Sempre hesitei – será que vou, será que devo ir? Meu corpo embarçou-se com isso. Torci a articulação do joelho e por isso precisava sentar-me na rua. Daí, abriu-se diante de mim uma visão distorcida por meu pensamento. A gente se pergunta se vai para a escola ou não e esse pensamento nos embaraça. Mas também a gente não precisa ir para a escola. Apenas é preciso destorcer as articulações e tudo se encaixa novamente.

Como um gato vagabundo observei permanentemente os gestos e o comportamento dos meus parentes e dos nossos vizinhos. Também não havia nada diferente para fazer ou brincar. Até a lembrança do cachorro do vizinho ainda vive no meu corpo. E todas essas coisas flutuam dentro de mim como jangadas em um rio. Às vezes, são várias jangadas que se comunicam entre si. Muitas vezes, elas devoram o mais importante dos meus alimentos: as trevas.

Os gestos que se reuniram no meu corpo trespassam meus braços e minhas mãos e revelam-se desta maneira. Se tento apanhar alguma coisa, a mão dentro de mim impede minha mão de alcançar o objetivo. Percebi que um corpo que não alcança nada de maneira direta é um corpo formado há muito tempo. Tal corpo mostrou-se inteiramente impróprio para a dança moderna, como a aprendi em Tóquio. ‘Um, deux, trois’... Não, assim não dá! Eu precisava seguir um desvio, deslizar no espaço. A luta com as coisas invisíveis tornou-se, pouco a pouco, minha grande tarefa. No meio do caminho minha mão se perde, como a mão de um idoso. Ou ela não volta mais do meio do

caminho, ou ela some no meio do caminho... Possivelmente vocês pensam que não faz sentido o que eu digo. Mas prestem atenção, a qualquer momento perceberão que há sentido nisso.

Agora, gostaria de contar-lhes algo simples. Em Akita os camponeses criam bichos-de-seda. Devorando as folhas, esses bichos causam um permanente e trepidante barulho. No mesmo quarto, um homem faz sua sesta e range os dentes.

O barulho trepidante dos bichos comendo as folhas e o barulho do ranger dos dentes misturam-se em um som. Nessas situações reconhece-se, acho, que exercícios para a dança são inúteis. Em poucas palavras, os gestos e comportamentos que meu corpo adquiriu renascem e morrem novamente. Na minha dança eu queria reanimá-los sempre de novo.

Muitas vezes eu disse que uma minha irmã mais velha vive dentro do meu corpo. Quando tento levantar ela se abaixa. Quando me ocupo com minha dança ela come as trevas no meu corpo. Quando ela cai, isto significa muito mais do que eu ficar em pé. Muitas vezes fala pra mim: 'Você é doido por sua dança. Mas o que você está querendo exprimir só poderia ser expressar se não se expressasse. Não é Kuninho?'

Por causa disso, ela se tornou minha professora. Sim, os mortos são meus professores. É preciso respeitar os mortos e gostar deles. Mais cedo ou mais tarde seremos chamados também. Temos que trazer os mortos para perto de nós e conviver com eles. Hoje em dia as pessoas apreciam apenas a luz. Mas a quem a luz deve sua própria existência? Às

costas das trevas, pois elas carregam a luz. Os pequenos brincalhões devoraram as trevas. Agora a noite não tem mais obscuridade, nem trevas. No passado as trevas eram claríssimas.

Agora nos deixamos levar pelo vento para os prados. Sabem o que é um izume? Provavelmente não. Izume é um recipiente térmico, feito de palha, uma cesta para manter o arroz cozido quente. Nessas cestas, as pessoas de Tohoku colocam seus bebês e levam para a lavoura. Tantas cestas quantos bebês, quatro, cinco ou mais, e os deixam em vários lugares. O bebê está amarrado firmemente no recipiente e não pode se mexer. Faz xixi e cocô, coça o bumbum, mas não pode se mexer. Então ele grita. Em toda parte, nos campos, gritam as crianças.

Mas os pais não as atendem. Certo, os pais também têm uma vida dura. Seu trabalho pesado já lhes permitiu transcender o cansaço, movimentam-se como em transe. Eles nem olham para as crianças, cujos uivos e gritarias são sem fim. O céu extenso e úmido e o vento tempestuoso sufocam os gritos que nunca serão atendidos. Pouco a pouco, escurece diante dos olhos das crianças, elas desmaiam e adormecem. O sofrimento repete-se inumeráveis vezes. Finalmente, entra na consciência delas que seus uivos são sem sentido. Um olho flutua solitário na órbita cheia de lágrimas. O olho é seco. As lágrimas e o muco secaram e estão colados no rosto. As crianças o comem, sim, consomem as trevas.

Que pensamentos uma criança tem nessa situação? Provavelmente esses: 'O que então é o céu? Um grande tolo? Ou um cemitério!' Essas crianças já vivem além da margem da dor. Aprendem a comer trevas, aprendem a brincar com

o próprio corpo. À noite serão libertadas da cesta. Mas suas pernas foram amarradas numa posição dobrada, e agora não podem nem levantar-se nem esticar-se. Os adultos reúnem-se em volta da cesta e são testemunhas do sofrimento, com um sorriso no rosto. Mas os rostos das crianças permanecem sérios. Elas não olham para os pais.

E eu me pergunto para onde elas foram com suas pernas torturadas. Perguntas e mais perguntas, mas nenhuma resposta. A gente pergunta e pergunta, mas nunca o suficiente. A gente dança e dança. Mas a expressão encontra seus limites. Perguntas, perguntas... A gente as dirige às pernas dobradas de uma criança que pouco a pouco se deformam.

Quando os europeus falam, seguem com lógica o caminho estreito de seus pensamentos. E assim dançam, com membros estreitos e esticados. Mas nós japoneses, crianças e pais, com nossas pernas deformadas e tesas pelo trabalho pesado dirigimos nossos passos tortos para casa.

Chego ao fim. Lembro-lhes ainda isto: não se esqueçam de tentar conviver com seus mortos. Daí suas refeições serão temperadas com o sabor secreto da morte e vão agradar-lhes mais do que até agora. Considerem e apreciem o butoh desse ponto de vista. Eventualmente entenderão melhor.

Muito obrigado por sua atenção.”

*Trecho de parte do discurso proferido por ocasião do primeiro festival de Butoh no Japão, in “*Butoh: Dança Veredas D’Alma*” de Maura Baiocchi.

Butobr <https://butobr.wordpress.com/2015/04/08/o-ultimo-discurso-de-tatsumi-hijkata/>